

MEU CORPO ESCREVE NO ERRO

relatos e reflexões de uma ação performativa no corpo da cidade

MY BODY WRITES IN ERROR

accounts and reflections on a performative action in the body of the city

220

Jéssica Lins Costa Souza

Fundação Itaú Escola e Celia Helena Centro de Artes e Educação

Moacir Romanini Junior

Escola Superior de Artes Celia Helena

ORCID: 0000-0003-0989-0778

DOI: 10.21680/2595-4024.2025v8n2ID40346

RESUMO:

O presente artigo propõe uma reflexão em torno da ação performativa “Meu corpo escreve no erro”, uma travessia poética e política pela cidade de Anápolis, Goiás. A ação ocupa fissuras – físicas e simbólicas – como possibilidade de existência para aquilo que não se encaixa na linearidade da norma. A cidade, projetada para os corpos típicos, se revela excludente, mas é nas brechas que o corpo encontra lugar para se infiltrar, resistir e se expressar. Nesse processo, o corpo-escrita de uma artista-autista se move entre margens e invisibilidades, propondo uma arte que desafia a normatividade e se ancora nas singularidades de quem escreve, caminha e resiste através do “erro” como forma de existência. Os relatos da experiência prática dialogam com os estudos de Temple Grandin, Estela Laponi, Christine Greiner, Henri Lefebvre e Milton Santos.

PALAVRAS-CHAVE: Corpos neurodiversos; Escrita performativa; Intervenção urbana; Performance arte.

ABSTRACT:

This article proposes a reflection on the performative action “*My body writes in error*”, a poetic and political journey through the city of Anápolis, Goiás. The action occupies – physical and symbolic cracks – as a means of existence for that which does not conform to normative linearity. The city, designed for typical bodies,

reveals itself as exclusionary, but it is in the gaps that the body finds a place to infiltrate, resist, and express itself. In this process, the body-writing of an autistic artist moves between margins and invisibilities, proposing an art that challenges normativity and is anchored in the singularities of those who write, walk, and resist through "error" as a form of existence. The accounts of this practical experience engage in dialogue with the studies of Temple Grandin, Estela Lapponi, Christine Greiner, Henri Lefebvre, and Milton Santos.

KEYWORDS: Neurodiverse bodies; Performative writing; Urban intervention; Performance art.

Como habitar uma cidade que não foi pensada para corpos desviantes? Como escrever - com palavras, gestos e presença - um espaço que insiste em impor bordas, margens e normas? Este trabalho-performance nasce dessas perguntas, dessa urgência de afirmar uma poética não do desvio, mas do enfrentamento, uma estética da fissura, uma política do erro. Ancorado na ideia de que o conhecimento emerge do corpo e da experiência sensível (Greiner, 2023), proponho uma caminhada performativa pelas ruas de Anápolis, Goiás, onde meu corpo - autista, divergente, escrevente - se inscreve como presença que questiona e subverte a normatividade espacial e simbólica da cidade. Ao deslocar a escrita do papel para o concreto urbano, e a palavra da norma para o erro, experimento uma poética que se produz enquanto se faz: um corpo que escreve com o que escapa, com o que sobra, com o que não cabe. Através da vídeoperformance *Meu corpo escreve no erro*¹, faço da cidade um caderno aberto às rasuras, onde a máquina de datilografar e os espaços marginais tornam-se aliados na criação de uma narrativa que resiste à invisibilização.

Um corpo autista performa no espaço público

¹ Para assistir a vídeoperformance, acessar o link <https://youtu.be/sYhkRiXsvB4?feature=shared>

Programa Performativo: Caminhar pelas ruas de Anápolis e preencher as fissuras da cidade com minha escrita-corpo-poética.

Um trajeto é traçado na praça da prefeitura, localizada na avenida Brasil. Sugerem que eu me instale no mini coreto; discordo, é desconfortável. Vejo mesinhas de cimento com seus respectivos bancos de concreto no meio da praça. Em meio às árvores, tudo está molhado. É de manhã, choveu em meio ao calor da cidade na madrugada. Repouso minha máquina de escrever, enxugo o banco, enquanto o câmara escolhe o melhor ângulo. Lemos mais uma vez o roteiro, tudo é direcionado para que a câmara invada a máquina de escrever: uma Olivetti LETTERA 32, verde, adquirida em 2016 no centro de Goiânia-GO, quando eu estava no último ano da faculdade em Artes Cênicas na Universidade Federal de Goiás. Adquiri essa máquina de datilografar numa ânsia de transcender o tempo e o espaço da minha escrita desde então. Na continuidade da ação, as frases em vários tamanhos já foram impressas em A3, mas ali naquela praça eu as escrevo como se fosse a primeira vez. São estas as dez frases:

Aqui, nesta margem esquecida, escrevo para quem nunca coube na linha reta da norma.

Cada fissura no concreto é uma palavra que escapa. Eu também escapo.

Normatividade não é casa; é uma jaula. Eu abro portas!

Estou fora das margens.

Entre o visto e o invisível.

A fissura é caminho.

Escrevo para saltar além dos limites do meu corpo.

Talvez seja a palavra em mim que quer existir sem limites, se concretiza.

Danço a margem, ultrapasso.

Eu cresço e liberto minha poesia na palavra, no espaço.

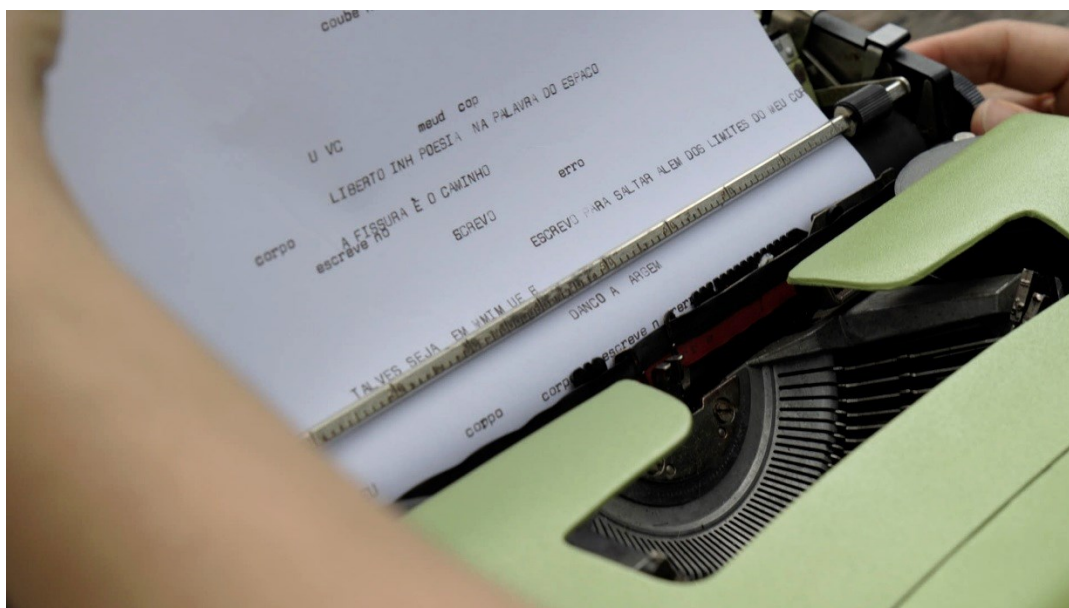


Imagem 1: *Still* da videoperformance *Meu corpo escreve no erro*. Anápolis, 2025.

Sigo as orientações da câmera para dar início. Escrevendo sem margem ou muitas certezas do papel e tinta, escrevo erroneamente, sem ordens pré-definidas. Troco a folha várias vezes, o dia está úmido. Iniciamos o processo de abertura: se erro, termino, se acerto, subo a folha. Desço parágrafos finitos, as palavras se cortam, logo tem letras soltas, ou frases umas nas outras.

Colocamos em dinâmica todo o processo da digitalização na máquina. Takes são feitos: da esquerda para a direita, da direita para a esquerda, muito perto, não muito longe, de cima para baixo. É possível ver os ferros em seu movimento para cravar as letras. Empurro a folha, preencho-a por completo, o som da máquina preenche os ouvidos. Quando parece não haver mais espaço, escrevo a abertura – meu corpo escreve no erro – tem-se um close. Corta.

Hoje é 07 de abril de 2025, mas o dia da gravação foi no dia 22 de março de 2025. Anápolis-GO. Praça Deputado Abílio Wolney e Viaduto Deocleciano Moreira Alves, viaduto que liga as principais avenidas no trecho da Avenida Brasil entre Avenida Goiás e Rua Barão do Rio Branco. Caminho até o ponto de ônibus em frente à praça, atravesso a rua, o movimento nesse horário está mais calmo. Transito por

todo o cruzamento entre uma faixa de pedestre e outra, procuro brechas, observo os carros, as poucas pessoas, o asfalto, a calçada. Me sinto meio fora da rota, mesmo já traçado em um roteiro. Mesmo com mil memórias por já ter passado por aquelas ruas e avenidas – de ônibus, carro, moto ou a pé – é normal não se sentir pertencente ou estranha ali, mesmo tendo vivido nessa cidade por 32 anos? Sou eu não pertencente, intrusa? Ou como Silva aponta em sua pesquisa;

(...) pode-se dizer que o intruso é aquele que se mete onde não é bem-vindo. Aquele que causa desconforto e estranheza. O corpo intruso é, portanto, o “não pertencente”. Que não tem local, mas que, mesmo diante de tentativas de exclusão, se mostra e catuca aquele que o tenta diminuir, apagar. (Silva *apud* Lapponi, 2023, p. 22).

As contribuições de Estela Lapponi são fundamentais para o entendimento das poéticas e políticas que envolvem os corpos que escapam à norma, especialmente aqueles atravessados por marcadores de deficiência e neurodivergência. Em suas investigações e criações cênicas, Lapponi propõe o conceito “corpo intruso”, não como aquele que simplesmente invade, mas como aquele que evidencia a violência dos espaços que o negam. O corpo intruso, segundo a artista, é aquele que não se encaixa, mas que insiste em existir: é o corpo que se infiltra mesmo diante das barreiras arquitetônicas, simbólicas e afetivas impostas pela norma. É um corpo que não é passível de integração porque sua presença desestabiliza os códigos de legibilidade social.

Essa noção de intrusão é uma possível chave de leitura para pensar os corpos neurodiversos como agentes poéticos e políticos. Lapponi nos convida a deslocar o olhar: não é o corpo que erra por ser diferente, é a cidade, a linguagem, a cena e os dispositivos que falham ao não incluí-lo como potência. O corpo neurodiverso, nesse sentido, performa sua dissidência não apenas por meio da diferença, mas por meio da proposição de outros modos de presença, de expressão, de relação.

Na performance *Meu corpo escreve no erro*, ao posicionar-me como corpo intruso nos espaços públicos da cidade de Anápolis - em suas fissuras, viadutos, calçadas e vãos -, meu corpo procura agir dentro dessa perspectiva de Lapponi: não se trata de pedir licença ou de buscar pertencimento nas estruturas normativas, mas de reivindicar o direito de desorganizar, de perturbar, de deslocar o que foi fixado como norma. A escrita no erro torna-se, assim, um gesto lapidar: rasura a rigidez da linguagem e da paisagem urbana para inscrever ali uma subjetividade que historicamente foi empurrada para o silêncio.

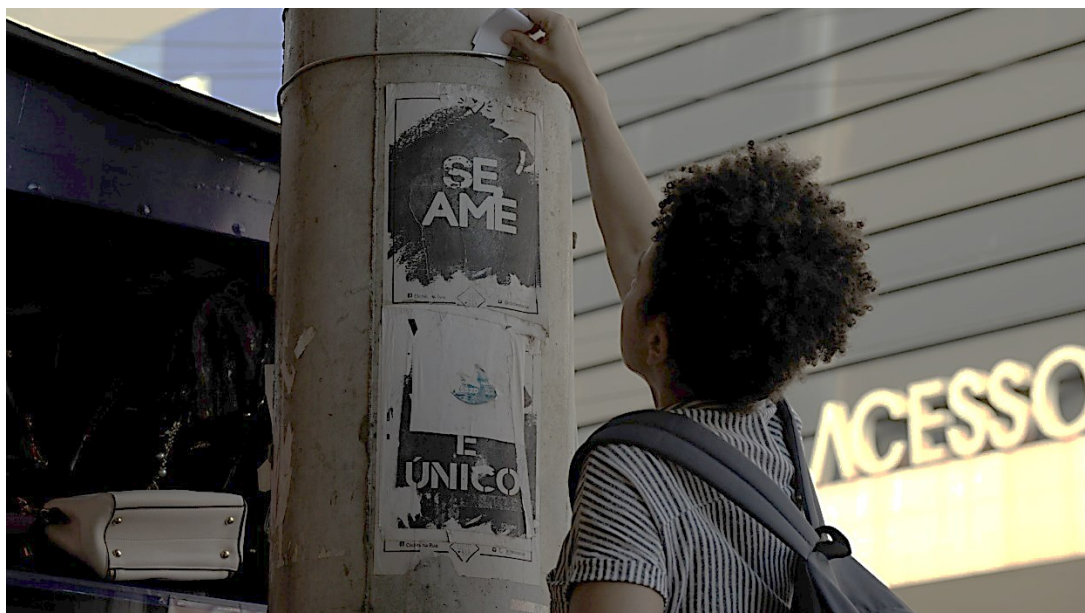


Imagem 2: Still da videoperformance *Meu corpo escreve no erro*. Anápolis, 2025.

Lapponi também questiona a suposta neutralidade das formas artísticas e dos dispositivos de criação. Ao propor o “corpo como dispositivo”, ela desestabiliza os parâmetros tradicionais da cena e convoca o artista a se assumir como presença ativa de enfrentamento. A máquina de escrever que utilizo na performance - imprecisa, analógica, cheia de ruídos - pode ser compreendida como extensão desse corpo-dispositivo, pois ela também não se corrige, não suaviza os erros, não propõe uma normatividade. Como o corpo neurodiverso, ela

afirma a rasura como método e a imperfeição como linguagem. Nesse sentido, o corpo autista que escreve na máquina ultrapassa os limites da representação e passa a produzir sentido a partir da sua própria desorganização estética, tal como propõe Lapponi em suas criações: o que não é esperado se torna potência criativa.

Por isso, estar “fora da rota”, “fora das margens”, como digo nesta ação performativa em foco, é uma proposição política alinhada com a ética e a estética desenvolvidas por Lapponi: uma ética e uma estética da desobediência. Em tempos onde a correção, a produtividade e a normalidade ainda regem os modos de existir na cidade, o corpo que escreve no erro e se infiltra nos interstícios torna-se um corpo que não apenas resiste, mas que propõe. Como Lapponi afirma, “a arte não está em buscar uma cura para o corpo que se desvia, mas em dar lugar para que ele exista, produza e transforme” (Lapponi, 2023).

A cidade é típica, o que me faz entender que ela não foi feita para mim, ou qualquer outra pessoa neurodiversa. Consigo acessar as memórias desses mesmos lugares que já passei. Mesmo que a cidade seja típica, consigo ver o movimento que é feito: a cidade não é a mesma, eu não sou a mesma. E mesmo a cidade sendo feita para pessoas típicas, eu procuro brechas, brechas grandes, brechas pequenas, brechas visíveis, brechas fáceis, brechas para me colocar intrusa, no chão, entre o concreto, entre os estabelecimentos, para me fazer visível, diante de algo grande que esconde pessoas ou todes aqueles que de alguma forma não se sentem vistos, ou pertencente àquele lugar que dizem que foi construído com “muito esmero para a construção de uma comunidade”.

Debaixo do viaduto encontro fendas ou rachaduras. Elas vêm carregadas de cheiros, entulho, cores, grafite ou algo ainda imperceptível – significa que alguém passou ou esteve ali antes mesmo antes de eu chegar. Brechas se fazem ou nascem de uma ruptura? Não tem ninguém ali, eu espero o sinal fechar, abre e chego debaixo do concreto, há um risco projetado: uma barra de concreto em cima da outra colocadas propositalmente. Há sombra além do cheiro. Me infiltro naquele

espaço: quando dobro o papel com a frase e coloco ali naquela fissura projetada que talvez eu me sinta parte.

Vou até a outra esquina, olho os carros passando em cima do viaduto, tem uma bandeira azul e branca: é a bandeira de Anápolis. Ela balança e, por um instante, queria balançar como ela. Aí me lembro que ela está amarrada. Será que também estou amarrada a esta cidade? Será que as margens que quero tanto ultrapassar, infiltrar, estão à minha frente e não consigo ver? Ou realmente é a cidade que foi projetada para ser vista assim? E foi. Sem mais para procurar ali, caminho pelas calçadas em busca de algo que ainda não foi percebido.

Como tantos autores já apontaram, o colonialismo, o capitalismo e outras fontes de poder são cascatas inesgotáveis de metáforas com habilidade para envenenar pouco a pouco, instaurando referências que induzem ao que deve ser considerado correto, saudável, admissível, produtivo e desejável. O que foge a esses parâmetros é reiteradamente lançado em categorias abjetas, para ser descartado, exaurido, subalternizado, considerado indigno, perigoso ou simplesmente desprezível. (Greiner, 2023, P. 15)

Partindo da referência de Greiner, dentro de um capitalismo que condiciona meu corpo ao “correto”, imposto por uma sociedade-cidade, seria possível que meu corpo ainda assim escrevesse no erro? Sim, porque nasci autista. Como relata Temple Grandin em *O cérebro autista*: “Agora eu entendia! Eu não conseguia manter os esquis juntos sem cair porque... Por quê? Porque sou autista? Ou porque meu cerebelo é pequeno? Ambas as respostas estão corretas.” (Grandin, 2013, p. 111)

Eu caminho pela cidade e reencontro lugares já visitados, mas também descubro frestas que apenas agora se deixam acessar. A cidade é um caderno sem bordas, onde múltiplas escritas se inscrevem. As brechas são os erros, os riscos são os rabiscos desse caderno ao mesmo tempo tão cheio e tão vazio. Quando escrevo subvertendo a norma, erro; e, ao errar na folha, acerto exatamente aquilo que me proponho a ser. Esse escrever no erro ainda é raso, pois escrevo com o

receio da rasura. O erro é o gesto de um quase se mostrar - de se amostrar, de se revelar. Mas, quando a norma chega e endireita, o erro morre.

Cidades para quem?

Ao caminhar por Anápolis com uma máquina de escrever entre as mãos e palavras fora de lugar, não apenas inscrevo poesia sobre concreto urbano, mas reivindico aquilo que Henri Lefebvre (1968) nomeou como direito à cidade. Esse direito não se limita ao acesso aos bens e serviços urbanos, mas envolve um direito mais profundo: o de produzir o espaço urbano a partir da experiência vivida, dos desejos, dos afetos e, sobretudo, dos corpos - todos os corpos. Em meu gesto performativo, me infiltro em fissuras e brechas, convertendo os não-lugares em superfície de criação, e assim, convoco o direito de habitar a cidade como sujeito de linguagem e não como sujeito a ser normalizado.

Para Lefebvre, a cidade é ao mesmo tempo obra e produto: obra no sentido de criação coletiva, produto no sentido de mercadoria regulada por uma lógica capitalista e funcional. Quando essa cidade-produto é moldada apenas segundo critérios de eficiência, circulação e controle, ela exclui os corpos que não se encaixam, como os corpos neurodivergentes. Ao performar nos interstícios da cidade, a ação sublinha essa exclusão e ao mesmo tempo transforma o espaço. A máquina de escrever analógica, com suas limitações e erros, torna-se metáfora e meio de insurgência: um corpo-dispositivo que recusa a correção e afirma a estética da imperfeição como modo legítimo de estar no mundo.

É nesse ponto que o pensamento do geógrafo brasileiro Milton Santos se conflui com Lefebvre, ao colocar o sujeito no centro da produção espacial. Para Santos (1996), o espaço não é apenas um ambiente passivo, mas um meio técnico e simbólico que é constantemente modificado pelas ações humanas. Assim como Lefebvre, ele reconhece que a cidade não é neutra, mas sim carregada de

intencionalidades e exclusões. O "corpo intruso" que se infiltra em suas brechas atua como aquele que revela as falhas do projeto urbano normativo. Ao invés de procurar integração, ele afirma uma existência crítica e criadora, inaugurando novos usos do espaço, como diria Santos.

Ambos os autores reforçam que o espaço urbano é também um espaço de disputa simbólica. E é nesse contexto que o corpo neurodivergente que escreve no erro se torna insurgente: ele não reivindica inclusão no sentido clássico da adaptação ao padrão, mas propõe outra cidade possível. Ao marcar o espaço com minha caligrafia imperfeita, com minha presença sensível, procuro devolver ao espaço urbano aquilo que o capitalismo urbano tenta apagar: o dissenso, o incômodo, a subjetividade que escapa.

Conforme exposto em uma dos bilhetes-infiltrações - "normatividade não é casa, é jaula" - a ação inscreve no espaço público uma crítica à lógica da correção que permeia não apenas a linguagem, mas os modos de vida aceitos na cidade. E ao ocupar os vãos como se fossem páginas em branco, o corpo autista se torna autor de uma nova geografia urbana, uma cartografia do erro que desafia os mapas hegemônicos do pertencimento.

Em consonância com o que Lefebvre chama de urbanismo revolucionário, a ação aqui apresentada configura-se como uma prática que rompe com a cidade como coisa e a reconstrói como corpo coletivo. Da mesma forma, Santos (1968) alerta que os verdadeiros sujeitos da transformação são aqueles que, ao viver nas bordas do sistema, criam práticas alternativas e cotidianas que escapam ao planejamento formal. A escrita no erro, então, é um gesto de apropriação simbólica e política do espaço. É, conforme Lefebvre, um ato de reapropriação da cidade; não aquela cidade idealizada pelos planos urbanísticos, mas aquela que pulsa na experiência concreta de quem caminha, escreve, sente e habita de modo sensível.

Nesse sentido, a performance aqui apresentada procura posicionar-se como uma proposta de reinvenção do espaço urbano. Ao dar centralidade à

corporeidade neurodivergente, à estética da rasura e à política da presença, o trabalho contribui para a ampliação das formas possíveis de existência na cidade. Se o capitalismo, como afirma Greiner (2023), envenena nossos modos de ver e viver com metáforas de correção, a performance devolve à cidade a metáfora da ruptura, do fragmento, do corpo que se movimenta não para se adaptar, mas para criar novas margens, novas cidades escritas fora da linha.

Sob a ótica do erro, percebe-se que a sociedade insiste em corrigir aquilo que considera desvio, empurrando a pessoa com deficiência para uma “cura” (Silva, 2023, P. 28) que a alinhe ao padrão de normalidade. Nesse processo, o corpo que não se enquadra é tratado como erro a ser apagado, quando, na verdade, é justamente nessa diferença que reside uma possibilidade de outra forma de existência e escrita do mundo. O erro, longe de ser falta, torna-se potência de desestabilizar a norma e revelar a arbitrariedade do que se chama “normalidade”.

O “erro” pode ser lido como uma libertação das estruturas rígidas que buscam controlar a expressão e a criação artística. No contexto neurodiverso, existe um direcionamento para que as formas de expressão do autista se molde em um padrão, na tentativa de correção, o “erro” do corpo que não se ajusta, será que reajusta? A que preço? Ao afirmar que sou corpo que escreve no erro, assumo a autonomia criativa que se distancia da normatividade para que a desordem que surge do erro possa ser vista como uma potência criativa, que não se submete ao controle, mas se expande de maneira imprevisível.

Quando na máquina de datilografia escrevo – um recurso que não é o de word da norma atual – ela me proporciona o erro. Quando erro, não existe uma sugestão da palavra correta ou a possibilidade de correção de um espaço, ou uma letra espaçada demais, ou uma letra intrusa. Sendo assim, sigo a escrita a partir do erro, e sigo opções imediatas. Sendo assim, pulo o parágrafo, escrevo em cima de outras letras, de outros espaços, me proporcionando criar algo além do suposto erro que acaba por existir de uma outra forma. E andando pela cidade, me faz

saltar para um lugar em busca de frestas que supostamente, assim como na máquina de escrever, seriam erros.

A escrita na máquina seria um reflexo da minha imagem em letras rascunhadas do que supostamente meu corpo poderia existir diante das linhas e normas da cidade. É como um quase, quase algo. Quando na folha ainda possível, quando na cidade algo ainda retraído, me infiltro ainda de forma sutil, com medo das rasuras, de um corpo que escreve entre o invisível dos lugares incertos ou menos observados, dos muros, postes, estabelecimentos. Quando olho à minha volta tento encontrar meu corpo e, de alguma forma, escrevo com ele, traço uma estratégia quase que de sobrevivência para também me infiltrar entre as frestas dos corredores das diversas pessoas em movimento, para existir, camuflando um corpo original, seria a estratégia, um erro de sobrevivência da escrita do meu corpo no vão.

A performance escrita, poética, política e visual aqui apresentada é uma declaração que traz à tona a relação íntima entre o corpo autista e o espaço, o tempo e a linguagem. O erro, longe de ser uma falha, é aqui uma forma de expressão, um ato de resistência, e uma abertura para novas formas de poética, em que a desordem e a fragmentação se tornam elementos centrais da arte e da vida.

Últimas infiltrações

Mas e se o meu corpo erro não basta? E se, mesmo escrevendo nas frestas, a cidade seguir erguida sobre silêncios? Até que ponto a poética da rasura consegue realmente deslocar as estruturas rígidas que regulam quem pode ou não habitar os espaços? Será que, ao performar o desvio, não estou também sendo capturada por ele como estética tolerável, domesticada? E se os espaços que agora ocupo ainda forem zonas de concessão, e não de transformação? Como sustentar o corpo intruso quando a cidade exige constante negociação? E o futuro:

será feito de brechas expandidas ou de novas formas de contenção disfarçadas de liberdade? Como continuar escrevendo quando o papel urbano se recusa a absorver o traço? Onde termina a resistência e começa o esgotamento? Quantas vezes mais será preciso performar o erro até que ele se torne, enfim, linguagem legítima de existência? Encher-se de perguntas para imaginar futuros possíveis...

Pensar o corpo que escreve no erro é reconhecer uma urgência que não se esgota na denúncia das exclusões urbanas ou na afirmação da diferença como resistência. Trata-se, sobretudo, de abrir caminhos para a invenção de outros modos de existir no mundo, modos que escapam ao utilitarismo, à correção e à previsibilidade que sustentam a arquitetura simbólica da normatividade. A performance aqui analisada não apenas posiciona o corpo neurodivergente no espaço público, mas propõe uma reconfiguração sensível do próprio conceito de cidade, entendida agora como campo de escuta, fricção e transformação.

Ao contrário das abordagens adaptativas que tentam enquadrar corpos neurodiversos em molduras já dadas, o que se desenha aqui é uma lógica inversa: não é o corpo que deve se ajustar ao espaço, mas o espaço que precisa se redesenhar através de políticas públicas diante da presença de corpos que não cabem. Essa perspectiva exige não apenas um deslocamento político, mas também uma alteração nos regimes de percepção. Como tornar visível aquilo que a cidade aprendeu a ignorar? Como ouvir aquilo que a linguagem normativa silencia sistematicamente?

A resposta talvez não esteja na representação ou na inclusão formal, mas na proposição de experiências que desestabilizem os critérios do visível e do audível, do legível e do aceitável. Isso implica pensar a arte, o urbanismo e a política como territórios inacabados, abertos à contaminação por aquilo que é considerado excesso, ruído, falha. Nessa chave, o erro não é apenas resistência, mas potência de futuro: força que corrompe o presente para fazê-lo germinar em outras direções.

Imaginar o futuro a partir dessa perspectiva é apostar na criação de cidades menos centradas no desempenho e mais comprometidas com a escuta radical das multiplicidades. É imaginar políticas públicas que não busquem corrigir corpos, mas construir espaços que se deixem afetar por eles. É cultivar pedagogias que partam da desordem como forma de conhecimento. É reivindicar, para a arte, um lugar de confronto permanente, onde a norma seja apenas um entre os muitos caminhos possíveis.

Neste contexto, os corpos que hoje são lidos como intrusos podem se tornar guias: não porque representam um modelo alternativo, mas porque carregam em si a memória da fricção e a capacidade de reimaginar o espaço. O corpo que escreve no erro não reivindica um lugar fixo, mas procura fabricar novas passagens. Não se acomoda: insiste. E, ao insistir, abre um tempo por vir onde o que antes era falta se torna linguagem, e o que antes era ruína se transforma em fundação de um outro comum.

Esse é o gesto político e poético que permanece: a criação contínua de pertencimentos possíveis. E se há algo que esse corpo nos ensina, é que o futuro – se houver – será escrito com letras desalinhadas. É, pois, nessa escrita que se movimenta entre o corpo e o mundo que reside esta infiltração: aquela que reimagina a existência como criação contínua e insurgente.

REFERÊNCIAS

GRANDIN, Temple e PANEK, Richard. O cérebro autista: Pensando através do espectro; tradução 14ª ed. Cristina Cavalcante. 14ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2021.

GREINER, Christine. Corpos crip: Instaurar estranhezas para existir. São Paulo, 2023. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/Corpos%20crip%20-%20instaurar%20estranhezas%20para%20existir.pdf>. Acesso em 21 de março de 2025.

GREINER, Christine. Corpos em fuga: por uma micropolítica da invenção. São Paulo: N-1 Edições, 2023.

LAPPONI, Estela. *Corpo Intruso: uma investigação cênica, visual e conceitual*. 1ed. São Paulo: Casa de Zuleika, 2023.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001 [1968].

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA, Iale Samara Rodrigues Da. *Eu: corpomodificado - uma reflexão sobre o estudo de estela lapponi e a trajetória de uma docente em formação do curso de teatro da ufpe*. Recife, 2023. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/sobre%20o%20corpo%20intruso.pdf>. Acesso em 15 de abril de 2025.